

Indústria nacional vai

manter preços

As montadoras vão evitar reajustes. Pelo menos até maio, quando os salários aumentam

BRASÍLIA — O governo e as montadoras descartaram ontem qualquer reajuste, a curto prazo, no preço dos automóveis. De acordo com o secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, José Milton Dallari, na reunião de mais de três horas com os representantes do setor automobilístico ficou claro que não há a menor vinculação entre o aumento da alíquota do Imposto de Importação (II) para 70% para os carros e o reajuste nos preços dos veículos nacionais.

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Silvano Valentino, garantiu que as montadoras nunca falaram em reajuste.

“Imagino que foram deduções”, disse ele, acompanhado pelo secretário de Acompanhamento Econômico.

Valentino assegurou que os fabricantes vão evitar qualquer aumento nos preços porque isso afetaria diretamente a competitividade da indústria no mercado internacional. O assunto volta a ser discutido em maio, após a definição do reajuste dos metalúrgicos.

Além de esclarecer a posição do governo com relação à elevação das alíquotas para os carros importados, Dallari afirmou que mais dois assuntos foram debatidos na reunião com os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e da Indústria, do Comércio e do Turismo, Dorothea Werneck, com o setor automotivo: o dissídio coletivo dos metalúrgicos de São Paulo, em abril, e a pressão de custos no início da cadeia produtiva.

PRESSÃO

De acordo com Dallari, o governo já detectou uma pressão por aumento no aço e, por isso, está convocando para a próxima semana as siderúrgicas para um encontro com o ministro da Fazenda. Também está na mira do governo o setor eletroeletrônico, que deve ser convocado logo para uma conversa.

Dallari nega que o governo esteja preocupado com o reajuste dos metalúrgicos este mês, e o possível repasse do reajuste salarial para os preços. “O governo não tem uma posição a respeito. É uma questão de mercado”, afirmou. Embora considere difícil acontecerem aumentos reais, da ordem de 24%, como os obtidos no ano passado.

Aumento de produção — para suprir o espaço que pode surgir no mercado, na faixa dos veículos importados, Dallari afirmou que a expectativa do governo é de aumento da produção nacional.

Agência Brasil

AJ13075



Dallari, Malan (C) e Dorothea Werneck discutiram com as montadoras a questão dos preços dos carros nacionais

Porto de Vitória lotado

A disputa entre governo e importadores sobre o aumento da alíquota de 32% para 70% está provocando o estrangulamento do porto de Vitória, principal entrada dos carros importados no País. O movimento no porto, que chegou a liberar cerca de mil carros por dia, está reduzido a apenas três unidades diárias.

Os importadores defendem junto ao governo a manutenção dos contratos e a alíquota de 32% do Imposto de Importação para os carros já desembarcados no Brasil. Eles alegam que vão ter muitos prejuízos se tiverem que aplicar agora o aumento da alíquota para 70%, como quer o governo.

O presidente da Associação Brasileira de Importadoras de Veículos Automotivos (Abeiva), Emílio Julianelli, esteve reunido com o secretário de Acompanhamento Econômico, Milton Dallari, solicitando que o governo permita a entrada no País de um lote de 50 mil veículos importados com alíquota de 32%.

Segundo Julianelli, o prejuízo que as empresas terão com esses veículos que estão a caminho do Brasil, caso seja cobrada a alíquota de 70%, ficará entre R\$ 2 bilhões e R\$ 4 bilhões.

Esse valor já foi pago pelas empresas ao comprar os veículos no exterior. O empresário disse que, se as importadoras tiverem que pagar alíquota de 70%, terão que aumentar os preços finais em 35% para compensar. “Isso obviamente não facilitará a venda dos automóveis”, concluiu.

A Associação Brasileira dos Comerciantes e Importadores Autônomos de Veículos Automotores (Abraciva) vai pedir ao governo a cobrança do Imposto de Importação pela alíquota anterior (32%) dos veículos que já foram embarcados nos países de origem e estão em trânsito ou já chegaram nos portos brasileiros.

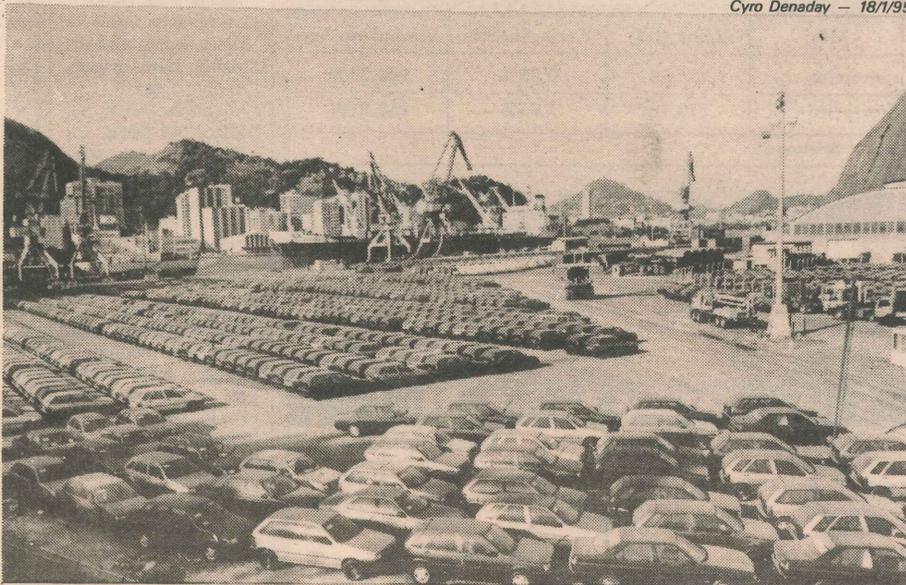
O presidente da Abraciva, Eduardo Bandeira Barreto, estima que existem de 2 mil a 3 mil carros nesta situação, importados pelas cerca de 180 lojas independentes (de marcas que não têm lojas exclusivas no País).

Segundo ele, de 60% a 70% dos clientes já manifestaram intenção de cancelar o pedido por causa do aumento do preço, de 35% em média.

Por enquanto, segundo Barreto, os empresários já aumentaram de 10% a 15% o preço dos carros em estoque. “Eles precisam de capital de giro para pagar as próximas encomendas”, justifica.

O presidente da Abraciva se reúne hoje cedo, em Brasília, com o secretário de Acompanhamento de Preços do Ministério da Fazenda, José Milton Dallari.

Cyro Denaday — 18/1/95



Liberação de carros é lenta, o que estrangula o funcionamento do porto